

ESTAMOS A DESTRUIR UM ESTADO CONCEBIDO PELO COLONIALISMO

27/6/76 N 1/2

— Samora Machel no início do segundo ano de independência no estádio da Machava

O comissário político nacional e ministro do Interior Armando Guebuza abriu o comício popular do Estádio da Machava referindo que neste momento em que comemoramos o primeiro aniversário da nossa independência, data em que o colonialismo português foi derrotado completamente do nosso País, expulso do nosso País, e a nossa soberania se afirmou, pensamos que esta data tem um grande significado histórico.

Disse depois Armando Guebuza que o significado deste momento lá se explicou pelo camarada Presidente, responsável máximo da nossa Revolução, da República Popular de Moçambique, o da FRELIMO. Finalmente, pediu ao Presidente Samora Machel que dirigisse o comício e desse orientações a todo o povo que o ouvia em todas as províncias do País.

APOIO A LIBERTAÇÃO DO POVO MOÇAMBICANO

Primeiro queremos agradecer à África inteira pelo apoio incondicional que deu a FRELIMO, que deu ao Povo moçambicano, que deu à luta armada. Queremos agradecer, em particular, aos

No nosso caso o que deixou o colonialismo? E para podermos compreender as tarefas, para podermos compreender as dificuldades que o Governo tem. Primeiro, ao nível do Governo. Deixou estruturas complicadas, deixou estruturas confusas, deixou estruturas que estavam ao serviço de alguns privilegiados, estruturas que serviam uma minoria no nosso País. E por isso que encontramos em todos os ministérios, em todas as direcções nacionais, em todas as repartições, luta entre estruturas.

Encontramos grandes estruturas, as estruturas improdutivas, estruturas desorganizadas, estruturas sem planificação, estruturas sem tarefas definidas. O exemplo, um funcionário normal dos serviços do Estado e um funcionário dos Caminhos de Ferro, sendo funcionários da mesma categoria, mas com vencimentos diferentes. Um engenheiro ou um médico dos Serviços de Saúde, o médico dos Caminhos de Ferro ganha mais do que o médico da Câmara e o médico da Câmara ganha mais do que o médico que está no Hospital, nos Serviços de Estado, mas todos eles são dos Serviços de Estado e são todas estruturas

dência nos correios; e um terceiro para comprar os cigarros e trazer o café para o escritório.

As vezes existe um quarto, cuja tarefa é a de ir ao talho comprar a carne para a senhora. E por isso que dizemos que herdámos uma estrutura pesada, é uma pesada herança. Ao nível do Governo não há produtividade. O Estado publicou há poucos dias o Orçamento do Estado. E este Orçamento do Estado não tem em consideração o desenvolvimento do País, não tem nada a ver com o projecto do desenvolvimento do nosso País. O orçamento publicado é para pagar só aos funcionários.

Não há plano para a agricultura, não há plano para a construção e habitação, não há plano para a construção de estradas para permitir correspondência rápida, não há plano para os transportes, não há plano para melhorar as condições de vida do povo. E o que nós herdámos do colonialismo.

O plano do colonialismo era bastante complicado. O plano do desenvolvimento do colonialismo era somente para as cidades. Construção de casas para roubar dinheiro. Essas as estruturas de que falámos agora, mas encontramos também estruturas nos mercados, encontramos categorias no comércio. O amendoim vendido em Xipamanine por 7 escudos e vendido no Mercado Vasco da Gama (ainda continua a ser Mercado Vasco da Gama) é ao preço de 12 escudos. O mesmo amendoim é vendido no supermercado a 15 escudos.

O mesmo amendoim, quando fomos a Marracuene, vamos encontrar a 3 escudos o quilo. Acontece também com o arroz. O arroz é vendido no Xipamanine (quando aparece. Parece que já não há arroz em Moçambique...). Para nós Moçambique é Maputo, não é. Quando não há arroz em Maputo, não há arroz em Moçambique... O quilo de arroz é comprado ao agricultor por 5 escudos, é vendido ao mercado por 12 escudos. E vendido ao comprador, ao cliente, por 15 escudos. E dizem que não há arroz em Moçambique? No entanto, temos arroz na Zambézia, temos farinha no Niassa, temos batata em Tete, na Angónia. No entanto, há falta de géneros alimentícios no Maputo, falta de géneros alimentícios na Beira, há falta de géneros alimentícios também em Quelimane.

Não temos milho na cidade de Maputo, mas, no entanto, em Catuane, Bela Vista e Salamanga, Moamba, o milho está a apodrecer. Isto é a herança do colonialismo. Estruturas complicadas, estruturas confusas, estruturas feitas especialmente para um punhado, para uma minoria. Encontramos em todo o nosso País populações dispersas. Nunca houve interesse em organizar a população para produzir e liquidar a forma. A fome no nosso País é planificada, a fome no nosso País já é um mito. E o colo-

niaismo diz: agora que Moçambique está independente; agora que o Povo de Moçambique está livre; há mais fome do que no tempo colonial. E muitos aceitam. Significa que o arroz que nós comíamos vinha de Portugal. A couve e a alface que nós vendemos, tudo o que nós comíamos vinha do Por-

Estado de operários e camponeses. Porque só assim destruímos as estruturas herdadas do colonialismo. Ao nível das Escolas, o colonialismo dirigia colocando o medo nos alunos. Observamos hoje muito liberalismo nas Escolas. Ultra-indisciplina nas Escolas. E assim não podemos criar o Ho-

seu Ministério está a tentar encontrar a solução correcta para acabar com o banditismo.

Mas parece que a nossa dificuldade é que alguns de dia estão conosco aqui. E de noite são loucos. De dia gritam aqui conosco para acabarmos com o banditismo, para acabarmos com os



Samora Machel e Graça Simbine, recebendo algumas prendas no final da reunião

países que serviram de retaguarda, aqueles países que constituíram a base segura para o desencadear da nossa luta de libertação nacional e agradecer a FRELIMO que soube integrar a luta do Povo moçambicano no quadro geral de toda a Humanidade, de todo o Mundo. Agradecer à FRELIMO que nos orientou correctamente, definiu quem eram os nossos inimigos, indicou-nos a estratégia e a tática para lutar contra os nossos inimigos. Agradecer à FRELIMO ter tido como preocupação essencial, como preocupação fundamental, um o nosso povo do Rovuma ao Maputo. Que soube liquidar do nosso lado aquelas que- relas criadas pelo colonialismo, aquelas criadas pelas guerras tribais, aquelas que- relas criadas pelos feudais e delinir-nos como um povo com objectivos claros, um povo com a sua personalidade, um povo com a sua cultura, um povo com a sua dignidade.

Em segundo lugar, agradeceremos aos movimentos de libertação que deram uma grande contribuição para a vitória do Povo moçambicano, uma grande contribuição para a derrocada do império colonial português. Dirigimos também os nossos agradecimentos ao Povo do Camboja, ao Povo do Laos, ao Povo do Vietname, que deram uma grande contribuição à Humanidade, uma grande contribuição ao Mundo, uma grande contribuição que deram às forças progressistas de todo o Mundo e de todos os continentes na liquidação do imperialismo mais agressivo. A nossa vitória é uma consequência directa das vitórias desses povos da Indochina.

Em terceiro lugar, agradeceremos aos países socialistas, que constituem hoje a zona libertada da Humanidade e apoiaram as lutas de libertação de uma maneira exemplar, de forma incondicional, de forma desinteressada. Queremos agradecer aos países socialistas.

ANO DAS VITÓRIAS POPULARES

O ano de 1975 é o ano das vitórias populares, é o ano em que no Camboja foi derrubado o imperialismo; foi derrubada a força reaccionária no Camboja, no Laos, e no Vietname; onde a luta já durava há trinta anos. O ano de 1975 foi um

capital do «apartheid», capital do racismo. O Povo da África do Sul inteiro, homens e mulheres, crianças e velhos, homens de todas as raças contra o Vorster. Acenderam as fogueiras, cercaram-nos e estamos certos que o povo vai aniquilá-lo. E agora esta tentativa que é a natureza pífida, a natureza brutal, a natureza criminosa do colonialismo, a repressão, matando, pensa que está a matar a vontade, pensa que está a matar a determinação do Povo da África do Sul, mas nós dizemos que quanto mais mata, está a pôr a lenha seca sobre a fogueira acesa, a pôr gasolina sobre o fogo. Assistimos em Moçambique, nos seus últimos dias, ao colonialismo português estabelecer massacres sistemáticos, assassinios sistemáticos nas aldeias, nas cidades, nos campos, nas prisões. Mata-va indiscriminadamente. Assinalava a sua última derrocada. E o que estamos a ver também na África do Sul. O colonialismo nos seus últimos dias é sempre mais cruel, que é para criar mais ódio.

Assistimos a degola-mentos na Cadeia da Machava, nos últimos dias do colonialismo. Assistimos a estrangulamentos nas prisões da ilha do Ibo, na Xelina, nas prisões da Beira, de Tete, massacres nas zonas libertadas, lançamentos de «napalm» e as bombas transformaram-se em fertilizantes. Os massacres foram a grande força mobilizadora do Povo moçambicano, foi o maior estímulo para avançar mais firmemente com a certeza de que estávamos correctos na via que estávamos a seguir. E o que estamos a assistir hoje na África do Sul.

O QUE NOS DEIXOU O COLONIALISMO

Agora, quando sai o colonialismo, o que deixa atrás de si? Deixa a miséria, deixa a fome, deixa a desorganização, deixa a divisão, deixa o ódio. E por isso que nós dizemos o colonialismo abandona deixando o País em ruínas. Deixa a injustiça, deixa a ignorância, o analfabetismo, deixa a desconfiança, deixa o ultra-racismo. E o colonialismo quando abandona, é o colonialismo quando é forçado a abandonar. Deixou isto em Angola, deixou isto em S. Tomé, deixou isto em Cabo Verde e deixou isto em Moçambique.



Para além das dezenas de milhares de pessoas que assistiram à reunião da Machava salienta-se a participação de grande número de elementos da Informação



...queremos agradecer à África inteira pelo apoio incondicional que deu a FRELIMO, que deu ao Povo moçambicano que deu à luta armada. Queremos agradecer, em particular, aos países que serviram de retaguarda, aqueles que constituíram a base segura para o desencadear da nossa luta de libertação nacional e agradecer à FRELIMO que soube integrar a luta do povo moçambicano, no quadro geral de toda a Humanidade, de todo o Mundo

legal. Por que é que isto acontece, então? Não sei se vão concordar comigo. Mas o Conselho de Ministros vai concordar plenamente comigo, pois diariamente enfrentamos estas dificuldades, cada dia que passa, cada ministro está à procura de soluções para resolver o problema do povo.

EXISTE SABOTAGEM ECONOMICA

Existe sabotagem económica. Primeiro ao nível do Estado. O Estado que nós temos, que estamos a destruir, o aparelho de Estado que estamos a destruir tinha sido concebido pelo colonialismo. Era um aparelho, uma máquina montada para satisfazer os interesses dos capitalistas. Agora o pessoal que nós herdámos é o mesmo que serviu o colonialismo. Os primeiros oficiais, segundos oficiais, terceiros oficiais, escriturários, serventes, dactilógrafos, são os mesmos que serviram o colonialismo. Têm dificuldades de abandonar os métodos capitalistas, os métodos de favoritismo. E por isso que em algumas repartições as cunhas ainda existem. Encontramos nas mesmas repartições algumas senhoras que entraram porque... Não é capaz de explicar como é que entrou,

mem Novo. E a Indisciplina é o comportamento típico do inimigo.

AUMENTAR A PRODUTIVIDADE

Há um outro ponto que é muito importante, que encontramos todos os dias: é a questão de aumentar a produtividade. A República Popular de Moçambique definiu a agricultura como base fundamental da nossa economia. E isso significa que temos de modificar o tipo de relações no seio da produção. Antigamente, durante o colonialismo, aqueles que trabalhavam nas machambas dos colonos enchiam por dia, tinham o direito de encher, um saco de algodão. Durante uma semana tinham seis sacos de algodão e recebiam cinco escudos por dia. Mas o algodão era vendido a 150 escudos. E produzia pano, e o pano era mais caro que o próprio algodão. Não sei se conseguirei explicar, não sei. Porque estou a falar com gente do Maputo, e a gente do Maputo nunca produziu algodão. Alguém produziu algodão aqui? Existem pessoas que produziram algodão aqui? Levantem o braço.

O processo da exploração é bastante complicado. E por isso que há campanhas ao nível das cidades, que a FRELIMO, o Governo da R. P. M. não quer gente nas cidades. A reacção diz assim: que nós não queremos gente nas cidades. Nós somos pela construção de muitas cidades. E que na cidade, durante o colonialismo, ela constituía o centro da reacção. Havia bandidos, havia os homens da droga, havia preguiçosos, havia ladrões. Mas nós não podemos coexistir com esse tipo de gente.

VAMOS FORMAR TRIBUNAL POPULAR

Concordam com o Ministro da Justiça? Vamos formar o Tribunal Popular em que vocês terão que participar? Correcto? Mas isso só é possível desde que primeiro os grupos dinamizadores organizem o povo, criem células, conheçam a tarefa de cada um e isso não acontece ao nível de residência. Deve estender-se até ao nível do trabalho. Só assim é que nós controlaremos a nossa cidade, controlaremos a vida de cada um de nós. Porque encontramos bandidos na Beira, no Xai-Xai, em Inhambane, Tete, Gaza, Zambézia, Nampula, Pemba, Niassa e em toda a parte.

Penso que não é o povo que é bandido. É um grupo de agentes do inimigo. Por isso o povo organizado estará em condições de esmagar esse punhado de bandidos. Esse é o sistema que nós deixamos o colonialismo. Mantinha-se à custa da existência de bandidos. Os bandidos foram criados pelo colonialismo. São eles que de noite vestiam-se sob O.P.V., grupos do senhor Jorge Jardim. Por isso dizem hoje que Moçambique é uma terra

(Continua na página 3)

ESTAMOS A DESTRUIR UM ESTADO CONCEBIDO PELO COLONIALISMO

27
6
76 N
2

(Continuado da página 3)
queimada, porque nós estamos cercando os agentes que deixou aqui.

Estão de acordo? Luta contra o banditismo, luta contra a corrupção, luta contra a preguiça. Só assim, é que vamos liquidar a nossa miséria. Só assim passaremos a ser elementos produtivos. Passaremos a ser elementos dinâmicos da sociedade. Passaremos a ser elementos aceleradores do processo de formação da nova sociedade. Queremos transformar a nossa sociedade. Queremos que o nosso povo tenha a sua personalidade. Queremos que do Rovuma ao Maputo o povo viva com tarefas. Viva planificado e programado.

A primeira tarefa nossa é liquidar a fome, abrir as estradas, criar mais postos sanitários, mais maternidades, melhorar as condições do comércio. Mas isso só elevando a vigilância. Só lutando contra as sabotagens, só lutando contra a preguiça, só lutando contra o esbanjamento, nós transformaremos o nosso País de ruínas em terra de felicidade.

CONHECER AS NOSSAS POTENCIALIDADES

Tínhamos aqui a nossa Universidade que não servia o povo moçambicano. A Universidade passou agora para o povo moçambicano. Na nossa Universidade não existem alunos para a agricultura. A riqueza vem da agricultura. Encontramos uma faculdade para o estudo da geologia e não tem aluno nenhum. Desde 25 de Junho de 1975, a 25 de Junho de 1976, que o Governo de Moçambique está a fazer levantamentos económicos, está fazendo um estudo profundo das potencialidades de Moçambique, as possibilidades da nossa terra. Mas só triunfaremos se o povo se engajar conscientemente.

Temos rios no nosso País e podemos produzir em todo o ano. É uma questão de compreendermos o que são as aldeias comunais. As aldeias comunais é o ponto mais estratégico do desenvolvimento de Moçambique. É onde está o segredo da independência do nosso País. Nós temos que acabar com a vida de separação. Passamos a aprender como viver colectivamente, como produzimos colectivamente, como estudamos colectivamente. Assim, saberemos o que é que liquida a fome no nosso país, que a prioridade está na produção agrícola.

Assistimos à falta de produtividade. O açúcar que é a nossa riqueza não é produzido em Moçambique. A castanha. O Ministério da Agricultura lançou uma campanha com a palavra de ordem de protecção aos cajueiros. Porque a riqueza do nosso País vem da castanha. Outro aspecto que atrasa a riqueza do nosso País são as chamadas greves. A greve silenciosa. Darem a impressão que produzem quando não produzem. Nas fábricas de açúcar temos conhecimento que os trabalhadores trabalham duas horas e o resto do tempo estão nos seus serviços particulares. Nas machambas individuais. Os vencimentos são pagos por inteiro na fábrica. O Ministério entregou machambas ao povo, organizou machambas e alguns não são capazes de saber valorizar essa experiência, de saber que o Estado devolveu a terra ao povo. E em um ano que é que nós fizemos? Primeiro, quando nos encontramos aqui na Machava, em 24 de Julho, nacionalizámos a Educação, o que significa que entregámos a ciência ao povo. O conhecimento, a ciência, deixou de ser privilégio. E por que é que nacionalizámos a Educação? Nacionalizámos a Educação porque primeiro queremos criar o Homem Novo, o homem que saberá utilizar a natureza. Só criando o Ho-

mem Novo é que criaremos a nova sociedade. A nova sociedade nascerá do Homem Novo. E por isso que tomámos o Ensino. Mas é preciso que o Povo moçambicano saiba valorizar esta conquista do nosso povo. Saiba valorizar a conquista da revolução. É necessário que em cada escola estu-

blemas judiciais ao serviço do povo e em 3 de Fevereiro nacionalizámos os prédios. São conquistas do primeiro ano da nossa independência. Trata-se agora de consolidar essas conquistas. Quando nacionalizámos os prédios queríamos acabar com a discriminação. Nós somos combatentes conse-

tória é uma contribuição da luta de todos os povos. A República Popular de Moçambique apoia-se incondicionalmente contra o racismo. Se queremos que persistam aqui os que pretendem a discriminação, então não tem sentido a palavra Popular, não tem sentido a palavra «abaixo o racismo».

o quê? Nós temos que diversificar a produção para melhorar a dieta, para melhorar a nossa alimentação. Nas zonas libertadas nós semeávamos e produzíamos o milho, o arroz, produzíamos a batata, incluindo a batata doce, produzíamos a mandioca, mapira, meixoeira, produzíamos galinhas e as nossas

ovos do que o adulto e devemos diversificar e devemos habituarmo-nos a comer fruta. Significa: a papaveira, toranjeira, laranja, tangerina, limoeiros, ananases, caju, mangueiras, massala, mafilwa, uvas também, macofe também, peras goiabas também, pepinos, criação de coelhos, criação de patos, criação de galinhas e a nossa tarefa essencial.

Em 25 de Junho de 1977, nas celebrações do segundo ano da nossa Independência, queremos que o país inteiro, o país inteiro a partir do círculo, a partir da localidade, do distrito da província da região, e da nação, do país inteiro, tenhamos aqui esta tarefa, de quantas mangueiras cada um plantou. Correcto? De quantos ananases cada um tem. Correcto? Estamos a falar para todo o nosso país agora. Temos que dizer quantas toneladas cada província produziu de arroz, quantas toneladas produziu cada distrito de milho, quantas toneladas produziu cada província de batata, quantas toneladas de feijão, feijão manteiga, feijão frade, grão de bico, ervilha. Queremos que no dia 25 de Junho de 1977, todos venham dar relatórios de quantas mangueiras semeou, quantos ananases, quantas abacateiras, quantas laranjeiras, quantas tangerineiras e quanta comida.

Queremos que o ano de 1977 seja o ano da felicidade, o ano da fartura. Quantas galinhas, quantos coelhos, quantos cabritos. Estamos a receber tarefas, hoje, dia 25, e vão dar relatórios no dia 25. Por isso queremos que os grupos dinamizadores, a partir de hoje, se reúnam para estudar, como aplicar. E até Dezembro, para a realização do terceiro Congresso, queremos dizer quantas machambas colectivas foram abertas neste ano de 1976, quantas aldeias comunais foram criadas. A partir do círculo da localidade, do distrito, da província. Queremos saber as províncias mais preguiçosas do nosso país. Ouviram? O povo do Maputo está calado agora. Ouviu o povo do Maputo?

ELIMINAR A CRIMINALIDADE

E queremos que em 1977 tenhamos eliminado o banditismo no nosso País, tenhamos eliminado a criminalidade no nosso País. Temos os campos de reeducação. Os campos de reeducação servem para recuperação daqueles degenerados e o povo deve participar na construção desses campos e na recuperação desses elementos, porque o banditismo foi criado pelo nosso inimigo. Outro aspecto: gostaríamos que no seio dos grupos dinamizadores fossem afastados aqueles que foram da PIDE. Fossem afastados aqueles que foram da ANP, Partido do Marcelo Caetano, fossem afastados aqueles que foram da OPV e queríamos pedir ao povo, porque algumas estruturas do Governo também são infiltradas. O povo conhece melhor, não é? E pedimos para que vocês indiquem todos aqueles que foram ANP, todos aqueles que foram OPV, todos aqueles que foram da Pide, quer dizer, que pertenceram às estruturas coloniais. Há também alguns que foram do exército que parti-

ciparam em alguns massacres nas zonas de guerra. Definiremos o estatuto, definiremos o lugar desses homens. Parece que é tudo. Ontem observámos um comportamento estranho: Quando tocou o Hino Nacional, durante o desfile, vimos muita gente sentada. Quando toca o Hino Nacional obrigatoriamente todos devemos ficar em sentido e com muita atenção. O Hino Nacional simboliza o passado do Povo, o que fez o nosso Povo para ser o que é hoje, interpreta o que somos hoje, indica também o Hino Nacional aquilo que queremos ser.

O Hino Nacional explica o sofrimento do Povo moçambicano, da opressão, da exploração, de massacres, explica do outro lado o internacionalismo do nosso povo, indica que nós, a nossa luta, é uma parte integrante da luta mundial. O Hino Nacional não só respeita o Povo moçambicano mas respeita outros povos que também foram massacrados. Por isso, quando toca o Hino Nacional, é momento para reflectirmos imediatamente, o que nós fomos. Se cada um pensar no irmão que morreu durante a guerra, o marido que morreu na cadeia, o pri-

mo que morreu nas minas da África do Sul vendido, o irmão que foi deportado para São Tomé, os avós que foram enviados para as Américas.

As independências são resultado do sacrifício de um Povo. É por isso que há Bandeira Nacional. É por isso que existe o Hino Nacional. Não devemos só ficar em sentido. É importante não ficar só em sentido como é importante que todos nós saibamos cantar o Hino Nacional.

O Povo inteiro saber cantar o Hino Nacional: todo o nosso Povo saber cantar o Hino Nacional. Por isso o Conselho de Ministros será o primeiro a aprender a música do Hino Nacional, FPLM, Comité Central, Comité Executivo, Grupos Dinamizadores.

Aos alunos quando entram na Escola e quando saem queremos fazer competições entre Escolas, entre alunos, em todas as Repartições, nas residências, nas empresas devemos saber cantar o Hino Nacional. Em resumo o Povo inteiro do Rovuma ao Maputo deve cantar o Hino Nacional em sentido e com respeito. Temos quatro músicas obrigatórias que devemos saber cantar: Primeiro é o Hino Nacional; segundo, o Hino da

FRELIMO; terceiro, o Hino da Mulher Moçambicana; quarto, o Hino da Juventude. Vamos pôr o quinto também «Ife A na FRELIMO» que é das reuniões da FRELIMO. Muito obrigado, porque antes das celebrações em todo o nosso País, o Povo soube tratar as cidades, soube tratar as vilas, soube tratar as ruas, soube tratar as aldeias, soube tratar as residências, foram capazes de fazer uma jornada para limpeza das nossas cidades, limpeza do nosso País. Assim, vocês ajudam os

Serviços de Saúde ao manter a limpeza e higiene. Conservar a cidade limpa, conservar a residência limpa, significa defender a nossa vida.

Agora passaríamos para um outro trabalho que é a matança de moscas. Somos dez milhões de moçambicanos. Por dia cada moçambicano deve matar trinta moscas. As moscas é que transmitem doenças. Durante a guerra não só malvamos portugueses como também matávamos moscas. Começamos esta campanha a partir de hoje. Cada um deve matar trinta moscas por dia. Assim liquidaremos a doença e a transmissão da doença. Do Rovuma ao Maputo esta campanha deve ser começada.



«O Hino Nacional explica o sofrimento do povo moçambicano, da opressão, da exploração, de massacres, explica do outro lado o internacionalismo do nosso povo, indica que nós, a nossa luta, é uma parte integrante da luta mundial»

dem qual a importância das nacionalizações.

Nacionalizámos a Medicina. A Saúde, o tratamento passou a ser uma conquista do povo. Nos hospitais sabemos as insuficiências que existem. Sabemos as dificuldades que existem. A transformação é lenta. Primeiro o pessoal da Saúde tem de assumir o papel. O papel de que ele tem uma tarefa gloriosa, uma tarefa sagrada de servir o povo. A Saúde e a Educação são inseparáveis. A Saúde cuida do corpo, a Educação da consciência. Por isso as missões sabiam o segredo da formação do homem e tinham a consciência nas mãos e tinham o corpo também.

Nacionalizámos as agências funerárias. Nacionalizámos as agências e acabámos com a classificação dos cadáveres. Parece que já não sabemos há um ano já conhecemos o cadáver da primeira, da segunda, da terceira e da quarta e outros que não tinham categorias. Nacionalizámos também e pusemos os serviços da Justiça ao serviço do povo, o serviço judiciário e os pro-

ducentes contra o racismo e queremos repetir que, ao nível do aparelho do Estado, não queremos ouvir a discriminação racial e, ao nível do ensino, não queremos ouvir a discriminação racial, ao nível dos hospitais não queremos ouvir a discriminação racial e, ao nível da Justiça, não queremos ouvir a discriminação. Também ao nível dos serviços policiais, ao nível das estruturas políticas, ao nível de relações pessoais, não queremos ouvir a discriminação racial. Nós dizemos aqui que a nossa vi-

Nós lutamos pela liberdade, pela independência. Por isso queremos que esses serviços, que são diariamente confusos, passem a desenvolver o amor em relação ao semelhante.

PRODUÇÃO: PRIMEIRA TAREFA ESSENCIAL

Agora quais são as nossas tarefas? As nossas tarefas são vastas. Primeira tarefa essencial é a produção, primeiro unidade para podermos produzir. Mas produzi-

crianças comiam ovos. Parece que continua a existir a tradição de que elas não devem comer ovos? E ou não é? Essa tradição de que as mulheres não devem comer ovos. Porque é que a mulher não deve comer ovos? Dizem que a tradição diz que as crianças não devem comer ovos, senão torçiam. Nós iliquidámos isso durante a luta. Pelo contrário, a mulher deve comer mais ovos. A criança deve comer mais